



QUEM TEM FÉ VAI A PÉ: FESTA E DEVOÇÃO NA ROMARIA DO SENHOR DOS AFLITOS, NO POVOADO DO CANTINHO EM BARREIRAS, BAHIA

Those who have faith go on foot: feast and devotion at the Pilgrimage of the Lord of the Afflicted, at “Povoado do Cantinho”, in Barreiras city, Bahia

Wesley dos Santos Lima*
Universidade Federal de Tocantins (UFT)
DOI: 10.29327/256659.14.1-7

RESUMO:

A Romaria do Senhor dos Aflitos, organizada no Povoado do Cantinho, localizado no município de Barreiras-Bahia, ocorre anualmente há mais de 290 anos. O presente artigo busca, a partir da análise do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos”, ponderar acerca dessa celebração religiosa e do lugar sacralizado pelos devotos, objetivando interpretar as manifestações religiosas, os ritos de fé e o fenômeno dessa procissão. Nesse contexto, utiliza-se o levantamento bibliográfico, tendo como síntese a pesquisa qualitativa e o recorte de método fenomenológico. Dessa forma, a partir das análises, verificou-se que essa Romaria possui uma historicidade secular que demarca seu poder simbólico para os sujeitos da região e para os devotos do catolicismo e tornou-se um espaço de representação por meio de um itinerário simbólico entre fixos e fluxos.

Palavras-chave: Religião; Romaria do Senhor dos Aflitos; Barreiras (BA); identidade religiosa.

* Doutorando em Desenvolvimento Regional e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduado em História na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). E-mail: lima.wesley@uft.edu.br.

INTRODUÇÃO

O povoado do Cantinho, situado às margens do Rio Branco e localizado na zona rural da cidade de Barreiras-Bahia, preserva uma celebração religiosa histórica e secular. A romaria que ocorre anualmente no dia 02 de julho é dedicada ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos, mais conhecido como Senhor dos Aflitos. Essa celebração é marcada pela devoção e pela fé dos romeiros que fazem anualmente a peregrinação de 18 quilômetros saindo do centro da cidade de Barreiras até o povoado do Cantinho (figura 1).

Figura 1. Trajeto realizado a pé pelos romeiros



Fonte: Diocese de Barreiras, 2018.

Nesse aspecto, considera-se destacar que as romarias no Brasil são uma tradição que surge juntamente com a invasão dos portugueses, sendo que a partir de 1743 e 1750 têm-se os primeiros registros de peregrinações religiosas. De acordo com Duarte (2010, p. 2), em meados de “1900, começaram as grandes romarias programadas, com o incentivo da Igreja católica, devotos, prefeituras das cidades próximas aos centros de peregrinações”. Essas práticas religiosas reúnem um grande contingente populacional, formado por pessoas que fazem da fé um motor existencial e que essas romarias, de modo geral, feitas a pé “são

enfrentamentos, feitos em direção a santuários ou para um lugar atribuído como sagrado, santificado em função de algum acontecimento miraculoso, um sinal, uma teofania” (Ibidem, p. 01).

Ao optar-se por analisar o fenômeno da Romaria do Senhor dos Aflitos, notou-se a ausência do estado da arte sobre a referida celebração, visto que essa celebração ocorre há mais de 295 anos, com o mesmo simbolismo e devotos fiéis. Faz-se necessário elaborar uma análise singular que aborde os aspectos entre o sagrado e o espaço de representação, como também a relevância social da romaria para o fortalecimento de identidades religiosas, dos ritos e das narrativas engendradas por meio desta.

Por conseguinte, devido à pandemia da Covid-19, Sars-Cov-2, essa celebração teve que ser reajustada, o que implicou em uma nova forma de praticar a fé e a devoção. O que antes era realizado a pé, nos últimos anos (2020 e 2021) tem-se realizado por meio de celebrações virtuais.

Com o exposto, nesta pesquisa propõe-se utilizar do levantamento bibliográfico e documental sobre o tema, analisando de modo particular o documentário audiovisual disponibilizado no Youtube, intitulado “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos”, sendo que a “vantagem deste método é o exame aprofundado do processo de análise, pois o vídeo nos permite visualizar quantas vezes for necessário o material gravado, possibilitando a descoberta de novos caminhos a serem trilhados” (Dias; Castilho; Silveira, 2018, p. 84). Além disso, considera-se metodologicamente a fenomenologia como uma abordagem fulcral para a investigação dos processos e movimentos engendrados a partir da romaria.

O movimento da fenomenologia parte inicialmente de alguns filósofos, sobretudo entre indícios no século XIX e o começo do século XX. E é nos trabalhos de Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty que a fenomenologia como campo de investigação científica alcança demarcações (Cerbone, 2014). Por conseguinte, na fenomenologia “o conhecimento provém da interface entre o que o mundo entrega ao sujeito e o que o sujeito entrega ao mundo, numa relação dialética, hermenêutica, intencional e intuitiva” (Marchi, 2015, p. 44).

Por avaliar esse fenômeno da romaria, esta pesquisa faz uso do método qualitativo, este que “possui o poder de analisar com consideração de contexto [...] baseia-se em objetivos classificatórios utilizando de maneira mais adequada os valores culturais e a capacidade de reflexão do indivíduo” (Leite, 2008, p. 100).

Ademais, o estudo aqui elaborado está estruturado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, descreve-se a Romaria do Senhor dos Aflitos e analisam-se alguns relatos retirados do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” (2017). Na segunda seção, discute-se o papel das procissões e romarias na Bahia, contextualizando e identificando as aproximações entre estas e a Romaria do Senhor dos Aflitos. Já na terceira seção, pontua-se como esse espaço de representação, o Povoado do Cantinho, tornou-se um lugar sacralizado, e, para isso, desenvolve-se uma narrativa que versa sobre a espacialidade e territorialidade do sagrado. Por fim, têm-se as considerações finais e os apontamentos conclusivos que destacam a relevância histórica, cultural e religiosa dessa romaria para a continuidade e para a preservação desses ritos e práticas simbólicas no interior da Bahia.

ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “ESPECIAL CANTINHO DO SENHOR DOS AFLITOS”: NARRATIVAS DE FÉ POR AQUELES QUE VÃO A PÉ

Em 2022 a Romaria do Senhor dos Aflitos completa 297 anos de tradição. São quase três séculos de uma celebração que, de acordo com as escassas fontes temáticas, teria iniciado a partir de 1725 com a vinda de uma imagem esculpida em madeira, remetida ao Senhor dos Aflitos. Na ocasião, os irmãos Francisco e José Ayres da Fonseca, oriundos de Portugal, trouxeram a imagem para esse local, situado na zona rural de Barreiras-BA e que popularmente é conhecido como “Cantinho do Senhor dos Aflitos”.

Figura 2. Imagem do Senhor dos Aflitos em crucifixo



Fonte: Diocese de Barreiras, 2022.

Figura 3. Povoado do Cantinho: Santuário Senhor do Aflitos



Fonte: Prefeitura de Barreiras – BA, 2018.

Neste local, foi erguido em 2016 o Santuário Diocesano do Senhor dos Aflitos (figuras 2 e 3), que anualmente no dia 2 de Julho recebe mais de 25 mil pessoas que percorrem durante a madrugada um trajeto a pé de 18 km. O percurso da peregrinação tem como ponto de encontro a Catedral São João Batista, localizada no centro de Barreiras, e percorre alguns trechos da cidade até a BR-135, para, por fim, adentrar na estrada que liga ao Povoado do Cantinho.

Durante o percurso, os romeiros celebram, cantam, bebem, rezam, manifestam sua fé de múltiplos modos. A Romaria torna-se um evento, no qual o sagrado e o profano se coalescem (Durkheim, 2003; Eliade, 1992).

Por várias razões, essa celebração mantém-se duradoura há quase três séculos. Para os romeiros assíduos, a procissão é um ato de renovação, um momento de agradecimento, uma forma de reconhecer as graças recebidas pelo Senhor dos Aflitos aos seus devotos. Entre os motivos para essa árdua caminhada, destacam-se algumas narrativas, retiradas do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos”.

Destarte, ao observar-se o discurso de Dona Eva dos Santos, compreende-se o potencial simbólico da romaria como uma manifestação de fé e de devoção, utilizada para retribuir o gesto da cura. Para esta devota, o percurso simboliza uma aproximação com o sagrado:

Eu faço meu café, pego minha água, ponho dentro de minha bolsa... que é a única coisa que eu não esqueço é minha água de eu beber na estrada... E eu tava com uma dor na perna, e eu pedi ao Senhor dos Aflitos, que foi bem na época, se eu ficasse boa da perna, eu ia, sempre eu iria. Eu tenho muita fé nele, que as coisas vai andando na minha vida. A gente vai rezando, vai cantando, vai conversando, conhecendo mais amigos. Eu volto com sentimento de alegria, sentimento de paz. Quem me dar força é Deus e o Senhor dos Aflitos¹ (*sic*) (Dona Eva, 17 jul. 2017, grifo nosso).

Nesse aspecto, destaca-se que o fenômeno da romaria se consagra como um ato de passagem. Isto é, referência um momento na vida dos peregrinos entre o antes da romaria e o depois desta. Dessa forma, há um remodelamento desse rito, que é sacralizado, simbó-

¹ Relato retirado do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” aos 6m30s/07m06s.

² Relato retirado do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” aos 07m08s/ 08m35s.

³ Relato retirado do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” aos 16m59s/17m16s.

⁴ Relato do Sr. Nezinho, retirado do documentário “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” aos Sr. Nezinho 17m 42s/19m00s.

lico, potente, quer dizer, “o devoto busca o sagrado nesse espaço fortemente impregnado das revelações do divino [...]. O devoto necessita deslocar-se para o lugar sagrado” (Rosen-dahl, 2012, p. 78). É a partir desse deslocamento que há a manifestação do poder milagroso, conforme aponta Eliade (1992). Sob o mesmo ponto de vista, menciona-se o relato da romeira Sirlei Rodrigues, para quem a celebração é tida como um momento importante na sua vida.

A Gabriela teve na verdade uma gravidez, que foi uma gravidez pélvica, né? Ela foi gerada sentada. Então, ela nasceu com displasia no quadril, uma perna maior e outra menor. Aí o médico me disse que ela tinha que fazer uma cirurgiaã. Fiz os exames lá em Salvador – BA com ela, a Gabriela. Voltamos. E no outro mês que eu tinha que voltar (pra Salvador), só que aí o pai dela sofreu um acidente, faleceu... Eu ia voltar num domingo e ele faleceu numa quinta-feira. Eu voltei pra Salvador e aí marcou a cirurgia dela, operação, no dia 02 de setembro. Ela fez a cirurgia, graças a Deus deu tudo certo. Só que aí, antes de tudo isso, o pai dela tinha me falado que tinha feito uma promessa para o Senhor dos Aflitos, que se desse tudo certo, o tratamento dela, a operação dela, ele iria levar ela (Gabriela) a pé, até o Senhor dos Aflitos pra assistir a primeira missa [...] É uma fé que... eu sei que foi por Ele que deu tudo certo [...]² (sic) (Sirlei, 17 jul. 2017, grifo nosso).

Nesse sentido, o ato da devoção interliga-se diretamente com a gratidão dada ao pacto firmado e, dessa forma, entendemos que o fenômeno religioso da peregrinação “assume formas e significados distintos e incorporam novos mediadores” (Carneiro, 2013, p. 135). Acrescente-se que, compreendendo que há múltiplos porquês que levam até a romaria, essa é “uma experiência que se constitui e se elabora a partir de diferentes universos de significado [...] que integram processos mais gerais de mudanças que atravessam a sociedade” (Ibidem, p. 135). Desse modo, ao observarem-se os discursos registrados nesse documentário, nota-se como o Povoado do Cantinho tornou-se um local no qual a hierofonia se apresenta. Nesses termos, entende-se por hierofonia aquilo:

[...] Que corresponde à própria revelação de algo sagrado e possui um quadro de referência abrangente, pois indica tanto a sacralização de todo e qualquer objeto como a manifestação do transcendente pessoal. Então, o sagrado impõe a assertiva da manifestação de uma ordem diferente, de uma lógica que não pertence a este mundo, essa diferença contextualizada constitui o dilema pela qual percebemos o sagrado (Gil Filho, 2012, p. 15).

Ademais, nesse universo simbólico e sagrado a demarcação do espaço como um local distinto, constrói significados que só são apreendidos por indivíduos detetores da mesma fé e da mesma crença. É a experiência da caminhada, o fator da procissão, o sentido da promessa, que incumbem e transformam a romaria numa celebração secular, dando a esta uma longa duração, pertencimento e, culturalmente, um sentido religioso e identitário.

Por outro lado, entende-se também que o percurso dos romeiros qualifica-se nessa análise como um dos caminhos que levam até Deus. E nesse sentido, outro ponto importante é a noção da peregrinação como um ato de modificação do ser e do espírito. Assim, o caminho a ser percorrido, visto como uma *via crucis*, se encarrega do teor simbólico de “fomentar e potencializar a experiência religiosa individual” (Carneiro, 2013, p. 141). Como bem pontua o Pe. Verneson Souza, reitor do Santuário do Senhor dos Aflitos:

A gente tem visto então e percebido a manifestação de fé das pessoas com esse gesto. Primeiro a peregrinação, a romaria e caminhada. Chegar a caminhar durante quatro horas à noite, praticamente a noite toda. Chegar aqui e participar de uma missa de uma hora, uma hora e meia. Então, realmente é uma manifestação de fé (*sic*)³ (Pe. Verneson, 17 jul. 2017).

Diante do exposto, esta manifestação de fé, marcada pelo sacrifício, pela caminhada, pelo frio, corrobora para ratificar a crença e afirmar a identidade religiosa do povo católico, visto que identidade religiosa é entendida como “uma construção histórico-cultural e socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa” (Gil Filho, 2012, p. 73), na qual a religião é materializada, representada e os indivíduos e o próprio grupo religioso possuem identificação e construção de uma memória coletiva. Por fim, destacamos o relato do Sr. Nezinho, para quem a romaria tornou-se uma prática prazerosa.

É a coisa que eu mais gosto na minha vida é isso daí. Negócio de rezar na rua com o pessoal. Me chama eu vou com muito prazer, canto, rezo, volto. Meu prazer é esse... Ai é minha vida. [Sr. Nezinho começa a cantar] “Senhor dos Aflitos é o Senhor de muita luz! Favoreça o povo todo, ó meu Senhor dos Aflitos! Quem quiser desse senhor merecer algum favor, se apegue com o Senhor dos Aflitos que é o nosso procurador, Senhor dos Aflitos é o Senhor de muita luz! Favoreça o povo todo, ó meu Senhor dos Aflitos, favoreça o povo todo, ó meu Senhor dos Aflitos!” Acho que é emoção [risos] e a alegria que eu sinto, o prazer que eu tenho de fazer essas coisas (*sic*)⁴ (Sr. Nezinho, 17 jul. 2017).

PROCISSÕES E ROMARIAS NA BAHIA

O Estado da Bahia possui uma dimensão territorial vasta, com quase 600 mil km². Dada sua dimensão, esse território abarca uma pluralidade de identidades, ritos e práticas religiosas, no qual o sincretismo religioso está presente na diversidade de manifestações e devoção de muitos baianos.

Assim, inicialmente cabe destacar uma pequena discussão terminológica entre a noção de procissão e a de romaria. Utilizando a definição destacada pelo antropólogo britânico Turner (2008, p. 161), peregrinação pode ser entendida como “uma viagem feita a um templo ou local sagrado para cumprir um voto ou para obter algum tipo de benção divina [...]”. Em contrapartida, Oliveira (2014, p. 28) nos adverte que o termo romaria “atualmente é comumente usado como sinônimo de peregrinação”.

Desse modo, tanto procissão como romaria, nesse texto, está sendo colocadas como complementares, sem distinção na nomenclatura. Para Rosendahl (2012), as romarias e peregrinações configuram-se como:

[...] uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, deslocamento este que em muitos casos é marcado por uma periodicidade regular. Envolve, assim, espaço e tempo, fixos (os lugares sagrados) e fluxos (a peregrinação). As peregrinações constituem um fenômeno notável comum à maioria das religiões, inserindo-se assim em diversos contextos culturais (Rosendahl, 2012. p. 38).

Dentre essas práticas de procissões, romarias e peregrinações que demonstram a fé coletiva e/ou individual, destacamos a terceira maior romaria do país, que ocorre anualmente na cidade de Bom Jesus da Lapa-BA. Para o antropólogo Carlos Steil (1996, p. 200), esta romaria realizada no “Santuário do Bom Jesus da Lapa se constitui num dos mais importantes ícones do catolicismo no Brasil”. O santuário é um espaço ímpar, localizado no interior de uma Gruta formado a partir do maciço de calcário (figura 4).

Figura 4. Santuário do Bom Jesus da Lapa no interior da Gruta



Fonte: Santuário Bom Jesus da Lapa, 2020.

A produção intelectual sobre esta romaria é imensa e representa um acervo importante para as discussões no campo dos estudos culturais e da religião. Nesse sentido, além dos trabalhos de Steil (1996), salienta-se as contribuições de Castro (2008) e Dworak (2014).

Esses autores analisam a referida romaria a partir de óticas distintas, porém complementares. Enquanto Castro (2008) pondera acerca do lugar sagrado evidenciando a topografia do santuário do Bom Jesus, do morro e da própria gruta como um local devocional e sacralizado; Dworak (2014) argumenta em sua tese que o santuário do Bom Jesus é visto pelos romeiros como um espaço no qual ocorre, além dos encontros e da experiência com o mítico, a busca pelo chamado e pela resposta. Ou seja, nesse local de representação os devotos são movidos pela sensibilidade e pela experiência particular com o sobrenatural.

Posto isso, a romaria de Bom Jesus da Lapa-BA representa um forte movimento religioso, principalmente entre os meses de julho e agosto, quando a cidade efervesce com inúmeros féis e devotos. Nesse local, encontram-se romeiros vindos de todo o país, no qual a fé e a devoção se imbricam numa relação entre o sagrado e a experiência. Nesse aspecto, “os romeiros do Bom Jesus da Lapa [...] eles se percebem como pessoas religiosas e, por isso, eles veem a sua romaria como um compromisso com o Bom Jesus ou como parte das relações de aliança” (Dworak, 2014, p. 34).

Diversos devotos partem de cidades próximas em pau de arara, a pé, ou de carroça. Estes utilizam o esforço e o cansaço para ratificar sua fé e agradecer ao Bom Jesus. Outros,

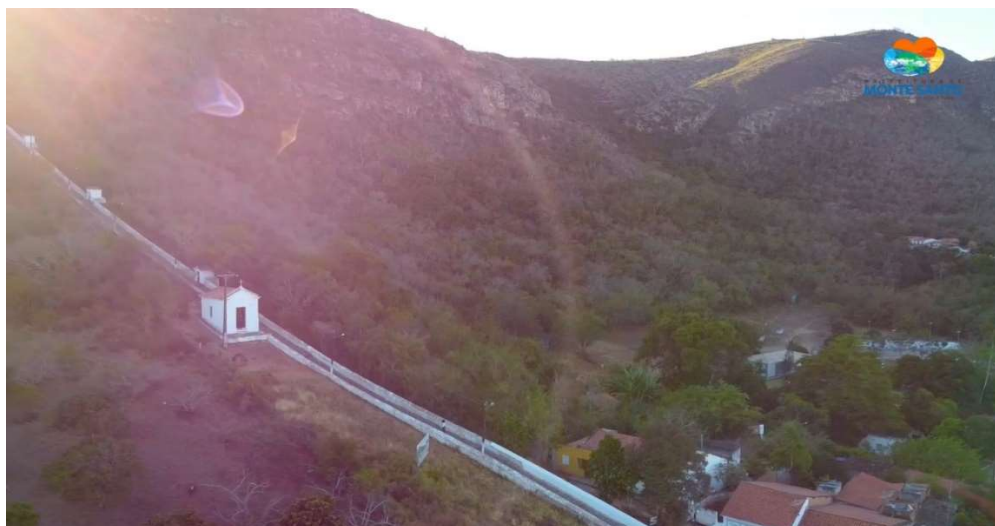
que surgem de outros estados, buscam pagar suas penitências subindo de joelhos até a entrada do santuário, por meio da longa escadaria que dá acesso ao santuário.

Dessa forma, a fé e o rito se configuram pela multiplicidade de ações. Castro (2008, p. 36) pondera que é comum “aparecer algumas pessoas carregando uma pesada cruz de madeira para pagar uma promessa, [...] acreditam que só com sacrifícios conseguirão o perdão dos pecados”. O esforço e sacrifício da peregrinação são ações que, na visão dos fiéis, o aproximam de Deus e das bênçãos.

O ato de carregar a cruz, num claro gesto de simulacro ao martírio de Jesus, valida que os devotos são detentores de uma fé para a qual todo suplício parece insuficiente. Sob o mesmo ponto de vista, ressalta-se que “a palavra sacrifício deriva do latim *sacra facere* que significa fazer o sagrado. É importante enfatizar que essas práticas são desaconselhadas pelo Catolicismo oficial” (Castro, 2008, p. 36). Contudo, tais práticas são comuns no Catolicismo popular e fazem parte da vida, da história e da identidade desses devotos.

Além da emblemática romaria do Bom Jesus, também no estado da Bahia, acontece a romaria que leva ao Santuário da Santa Cruz, localizado na cidade de Monte Santo no sertão baiano (Figura 5).

Figura 5. Escadaria que leva até o Santuário da Santa Cruz – Monte Santo - BA



Fonte: Prefeitura de Monte Santo, 2022.

Acerca desta romaria, Venâncio Filho (2020) argumenta que já no final do século XVIII, ela foi introduzida como novas práticas de fé e devoção, principalmente após a visita do Frei Apolônio de Todi na cidade de Monte Santo e com a chegada de capuchinhos italia-

nos com a proposta da difusão do cristianismo para as regiões mais afastadas do litoral, como o sertão baiano. O autor argumenta que, durante a passagem do Freij, aconteceu um milagre, este que ocorreu enquanto uma procissão era realizada e cruzeiros eram fincados no caminho do monte. Dessa forma, o local no qual ocorreu esta procissão, e conseqüentemente onde sobreveio o milagre, tornou-se um lugar sacralizado, sendo que este transformou aquele monte em Monte Santo. Assim, “no lugar das cruzeiros, nasceu o Santuário da Santa Cruz” (Venâncio Filho, 2020, p. 30).

A simbologia e a referência do Monte Santo são reconhecidas pela população local e pelos devotos que anualmente visitam este local. Assim, acerca do ordenamento territorial do Monte Santo, ressalta-se que “o caminho é ornado por vinte e cinco capelas e o percurso é de 1.969 metros [...], formado por uma escadaria de pedra bruta, seguida por degraus irregulares, feitos de acordo com a própria configuração da serra” (Venâncio Filho, 2020, p. 42).

Mesmo tendo essa localização, o Monte tem seus fiéis. Nota-se, portanto, que a prática de visitação é análoga à romaria do Senhor dos Aflitos em Barreiras- BA e à romaria do Bom Jesus da Lapa - BA.

Nesse aspecto, na cidade de Monte Santo e, sobretudo:

No Estado da Bahia, principalmente no sertão, os festejos religiosos têm um destaque importante. Em Monte Santo, esses festejos atraem anualmente muitos visitantes. São milhares de pessoas que se deslocam a partir de diversos lugares da Bahia e do Brasil, como por exemplo, de Salvador, Feira de Santana, Amargosa, Senhor do Bonfim, e de Estados como Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Alagoas e Pernambuco. São atraídos pelo simbolismo, criado a mais de 230 anos, do Santuário da Santa Cruz. O local que é considerado, ainda hoje, como sagrado por conta de todo seu histórico, está relacionado a milagres e graças alcançadas, relatadas, comprovadas ou não, por aqueles que o visitam (Venâncio Filho, 2020, p. 30).

Ademais, a historicidade e a longa duração dessas práticas comprovam a perpetuação dessas práticas e representações religiosas que são capazes de perdurar no fluxo temporal. São manifestações de fé que abarcam elementos similares, entre eles a presença de um esforço exaustivo para chegar nesses locais, o deslocamento, como um carimbo da fé no qual a peregrinação é a prova a ser posta e superada.

Outro exemplo disso é a emblemática procissão do Senhor do Bonfim, que acontece na capital baiana, Salvador. Esta festa ocorre anualmente no mês de janeiro e, segundo registros, datam do período correspondente ao século XVIII.

[...] a Festa do Senhor do Bonfim se iniciam com um cortejo de fiéis às 10 horas da manhã na segunda quinta-feira do mês de janeiro, num percurso de aproximadamente 8 km que tem como ponto de partida a igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e como ponto de chegada a do Senhor do Bonfim – entre foguetes, sinos, preces e samba. Festa que anualmente atrai mais de um milhão de pessoas entre devotos do Santo, moradores da Cidade e turistas de outros estados brasileiros, assim como de outros países, que em sua maioria vestem-se de branco, cor que simboliza e identifica o Senhor do Bonfim na tradição católica e Oxalá nas tradições religiosas de matriz africana (Nunes Neto, 2014, p. 25).

Veja que nesta celebração o sincretismo religioso é mais evidente pela manifestação simbólica do uso das roupas brancas. Os devotos fazem uma caminhada sob o sol escaldante de Salvador e percorrem um trajeto de quase 8km até a escadaria da Igreja do Bonfim. Durante este percurso, os féis vão celebrando e festejando, expressando e ratificando a fé e a devoção que os levam ao local onde acontece a lavagem realizada pelas baianas. Este ato é simbólico e consiste em molhar as cabeças do devotos, santificando e abençoando-os sob as graças do Senhor do Bonfim e de Oxalá.

Seja no povoado do Cantinho, em Bom Jesus da Lapa, em Monte Santo, ou na procissão do Senhor do Bonfim, a fé reúne devotos que comprovam a máxima de que “quem tem fé vai a pé”.

ESPACIALIDADE E TERRITORIALIDADE DO SAGRADO

A alteridade estabelecida entre um espaço comum e um espaço sagrado dá-se principalmente pelo sentido atribuído a este último. Por outro lado, a relação do sujeito com o mundo transforma sua percepção acerca do território e instala, a partir da experiência, uma gama significados e sentidos que fazem de um determinado local um espaço de representação religiosa e sagrado.

Acerca disso, Gil Filho (2012) tece ressalvas que apontam o espaço sagrado como uma junção de elementos e de relações. Para o referido autor, o espaço de representação está intrinsecamente relacionado ao sagrado, este que é mediado pela produção de discursos e símbolos que são visíveis e que envolvem “categorias centrais, entre poder, fenômeno religioso e a prática social, cujo movimento de interação deriva do conceito de espaço de representação” (Gil Filho 2012, p. 94).

É nesse universo elementar e simbólico que o sagrado é espacializado, numa clara relação de exteriorização das percepções internas dos indivíduos no mundo. Nesse aspecto,

os locais de procissões e romarias, além de se situarem espacializados como sacros, mostram-se por meio de itinerários simbólicos que se distinguem dos locais comuns da cidade.

Destarte:

Pode-se, contudo, definir o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência [...]. Trata-se de uma demonstração de fé expressa no catolicismo, em Roma, Fátima, Aparecida; no islamismo, em Meca, principal hierópolis de peregrinação; em Benares e Mandala, centros sagrados de hindus e de budistas, respectivamente; em Lhasa, que representa o espaço sagrado do lamaísmo; e em Kyoto, cidade sagrada para os devotos do xintoísmo (Rosendahl, 2012, p. 76).

Outrossim, a espacialidade dos lugares sagrados, assim como nos aponta Rosendahl (2012), não é um marco referencial apenas do catolicismo e do cristianismo. Envolve, ademais, todo um campo religioso em que fixos e fluxos são utilizados para demonstração da crença e do compromisso dos fiéis. Nesse feito, frisa-se um ponto fulcral dessa análise, em que a Romaria do Senhor dos Aflitos e as demais romarias citadas estão estabelecidas tanto por fixos, os locais das manifestações (Santuário do Senhor dos Aflitos; Santuário do Bom Jesus; Santuário da Santa Cruz), como também por fluxos (a locomoção dos devotos, a procissão e os ritos de passagem).

Por fim, acerca da territorialidade do sagrado, pode-se pontuar que esta “seria, então [...] a ideia da ação institucional de apropriação simbólica de determinado espaço sagrado, sendo sua materialidade o próprio território sagrado institucionalizado” (Gil Filho, 2012, p. 97). Nesta perspectiva, na medida em que é observado um sistema simbólico de práticas e representações religiosas, mediados pela Igreja e por um grupo hierárquico, tem-se a territorialização do sagrado. Esta, pois, é produto das relações entre os atores sociais e o espaço.

Ainda em consonância com Gil Filho (2012, p. 97), a territorialidade do sagrado remete “[...] a percepção das limitações imperativas do controle e de gestão de determinado espaço sagrado por parte de uma instituição religiosa [...] cuja autoridade é atribuída ao transcendente [...]”, envolvendo elementos que perpassam os campos da temporalidade, da sacralidade, do poder religioso, do simbólico e do mítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos apontamentos realizados, esta pesquisa buscou apresentar, descrever e refletir sobre o potencial simbólico e religioso da Romaria do Senhor dos Aflitos no povoado do Cantinho, em Barreiras-BA. Contribuiu-se, assim, para as discussões no campo interdisciplinar e, de modo mais objetivo, no campo da Geografia da Religião. A inexistência de trabalhos acadêmicos sobre essa celebração comprova a necessidade da discussão teórica-descritiva sobre a romaria. Desse modo, observou-se que durante quase três séculos essa romaria mantém a tradição viva, já que realizada anualmente no dia 02 de julho.

Os devotos e os fiéis utilizam essa data para celebrar, agradecer, suplicar ao Senhor dos Aflitos. Por meio de um percurso árduo de 18km, a devoção é manifestada e expressada. Destarte, esse itinerário realizado os conduz para um lugar no qual o sagrado está espacializado, de modo que o Santuário do Senhor dos Aflitos, como um lugar sagrado, reúne milhares de devotos que exteriorizam seus anseios mais profundos e buscam conexão com o transcendente.

Em síntese, a Romaria do Senhor dos Aflitos apresenta-se como uma manifestação simbólica religiosa, portadora de um amplo sentido de pertencimento para seus fiéis, conforme as descrições apresentadas. Essa celebração demanda, ainda, uma profunda análise etnográfica para tecer apontamentos detalhados, que só podem ser apreendidos pela vivência desse fenômeno religioso no interior do oeste baiano.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sandra de Sá. Espaço e religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Geografia cultural: uma antologia, volume II*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 133-146.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir da cidade de Bom Jesus da Lapa – BA. In: *Espaço e Cultura*. UERJ, Rio de Janeiro, n. 24, 2008, p. 33-43. Disponível em <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3572>. Acesso em 20 de março de 2022.
- CERBONE, David. *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DIAS, Amanda Regina Martins; CASTILHO, Katlin Cristina de; SILVEIRA, Viviane da Silva. Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa. In: *Ensaio Pedagógico (Sorocaba)*, vol.2, n.1, 2018, p.81-88. Disponível em <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/download/66/91>. Acesso em 05 de março de 2022.

DUARTE, Ana Helena Delfino. Romarias: experiência de fé e circularidade cultural. In: *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. Franca: ANPUH/SP; UNESP-Franca, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DWORAK, Krzysztof. *As romarias da Lapa como experiência do encontro no contexto lítico do Santuário do Bom Jesus da Lapa: chamado e resposta*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

ESPECIAL CANTINHO DO SENHOR DOS AFLITOS. *Youtube*. 17 jul. 2017. 19m19s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fMnn6vD03KA&t=30s>. Acesso em 02 de março de 2022.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Inter-Saberes, 2012.

LEITE, Francisco Tarciso. *Metodologia científica: métodos e técnicas: monografias, dissertações, teses e livros*. Aparecida: Ideais e Letras, 2008.

MARCHI, Ligia Betim. *Pontes da passagem: por uma fenomenologia do lugar*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

NUNES NETO, Francisco Antônio. *A invenção de uma tradição: a Festa do Senhor do Bonfim em jornais baianos*. Tese (Doutorado em cultura e sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

OLIVEIRA, Jaqueline de Mendonça. *Caminhos que levam à Romaria*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 73-100.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.

VENANCIO FILHO, Raimundo Pinheiro. Romarias e lugares sagrados no sertão da Bahia: leituras e memórias em Monte Santo. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano XIII, n. 38, 2020, p. 37-58. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/download/54656/751375150680/>. Acesso em 04 de março de 2022.

ABSTRACT:

The Pilgrimage of Senhor dos Aflitos, organized at “Povoado do Cantinho”, located in the city of Barreiras, Bahia state, has been held annually for over 290 years. From the analysis of “Especial Cantinho do Senhor dos Aflitos” documentary, this paper seeks to ponder about this religious celebration and the place sacralized by the devotees, aiming to interpret the religious manifestations, the rites of faith and the phenomenon of this procession. In this context, a bibliographic survey is used, with a synthesis of qualitative research and a phenomenological method of approach. Thus, from these analyses, it has been found that this pilgrimage has a secular historicity that marks its symbolic power for the subjects of the region and for the devotees of Catholicism and has become a space for the representation through a symbolic itinerary between fixed elements and flows.

Keywords: Religion; Pilgrimage of the Lord of the Afflicted; Barreiras (BA); religious identity.

Recebido em 30/04/2022

Aprovado para publicação em 31/05/2022